


Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia

Adriana da Silva Souza ⁱ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil

Claudia Cristiane Andrade Barros ⁱⁱ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil

Franciny D'Esquivel Dutra ⁱⁱⁱ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil

Risia Silva Chaves Gusmão ^{iv} 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Itapetinga, BA, Brasil

Berta Leni Costa Cardoso ^v 

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Guanambi, BA, Brasil

1

Resumo

O propósito deste artigo é refletir sobre o contexto atual da precarização do trabalho docente, no âmbito da realidade que se reconfigurou e que foi posta de forma acelerada por conta da pandemia do Covid-19. Em função do novo formato de educação apresentado, devido o distanciamento social, mostramos algumas fragilidades do sistema educacional como a utilização de novas tecnologias no ensino remoto, da educação a distância (EaD) e do ensino híbrido como perspectiva para um provável retorno às aulas. O trabalho é resultado de uma revisão bibliográfica de documentos e de estudos sobre a temática do ensino remoto e híbrido, o qual apresenta novas formas de ensinar em virtude do caráter emergencial, em que profissionais acostumados à educação presencial, encontram-se forçados a se adaptar, predominando, assim, a precarização do trabalho docente.

Palavras-chave: Precarização do Trabalho Docente. Educação à Distância. Ensino Remoto. Ensino Híbrido.

Precarization of teaching work: reflections in pandemic and post pandemic times

Abstract

The purpose of this article is to reflect on the current context of precarious teaching work, in the context of the reality that was reconfigured and that was put in an accelerated form due to the Covid-19 pandemic. Because of the new format of education presented, due to the social distance, we show some weaknesses of the educational system, such as the use of new technologies in remote education, distance education (DE) and hybrid education as a perspective for a probable return to school. The present work is the result of a bibliographic review of documents and studies on the theme of remote and hybrid education, which presents new ways of teaching due to the emergency nature, in which professionals accustomed to face-to-face education, are forced to adapt, thus prevailing the precariousness of teaching work.

Keywords: Precarious teaching work. Distance Education. Remote Teaching. Hybrid Teaching.

1. Introdução

2

Pensar a educação no Brasil é revisitar uma história de desigualdades, lutas, conquistas. Educar é uma tarefa árdua que exige o compromisso de contribuir na ação formadora do ser humano. Para Freire (1980, p. 39), a educação necessita estar, em todos os níveis engajada em “permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história”.

Nesse sentido, é preciso ser gente para a construção de gente. Segundo Peixoto (2020) é necessário, enquanto professores, tomar partido no cotidiano escolar, não para doutrinar, nem impor o que pensamos, mas para problematizar, compreendendo que não há neutralidade no processo educacional. Buscando, assim, uma ação pautada na construção de sujeitos autônomos, que intervêm no seu meio, o educador se vê diante de situações desgastantes, que abalam o “ser pessoa”, o “ser educador” e, assim, precarizam a sua ação.

A preocupação com o bem-estar do docente e da sua prática passou a ser objeto de discussões mais intensas em razão da conjuntura que envolve a pandemia de COVID-19. Como prevenção à propagação do Corona_vírus, milhões de estudantes se distanciaram fisicamente da escola. Momento de extrema instabilidade e *stress*, que impôs ao educador, da “noite para o dia”, a necessidade de superar esse período de crise e possibilitar situações de aprendizagem em novos formatos. Dentro dessa perspectiva, entram em cena a educação a distância e os ensinos remoto e híbrido. Como o educador tem lidado com essa situação? Além disso, tais situações têm possibilitado condições dignas ou precarização do trabalho docente? Esse é o objeto de discussão do presente estudo.

2. Precarização do Trabalho Docente

É de suma importância a compreensão do sentido do termo trabalho, o qual representa uma tarefa essencial à vida desde os tempos antigos. É através do trabalho que o homem garante sua sobrevivência, entretanto, não significa que ao longo do

tempo as formas de trabalho não se modificaram, muito pelo contrário, apesar de ser visto por muitos como meio de vida e de conquista da dignidade humana, as formas de trabalho se transformaram ao longo da história.

O trabalho, no contexto capitalista contemporâneo, sofreu muitos impactos que acabaram por gerar um processo de precarização como afirma (PIOVEZAN, 2017). O exercício da docência é apenas mais uma atividade que sofre as consequências por conta das grandes crises econômicas que acarretam reformas trabalhistas que geralmente promovem perda de direitos, adquiridos por meio da luta classista.

Portanto, a precarização do trabalho é o termo utilizado para caracterizar as novas condições estabelecidas no mundo do trabalho, sobretudo a partir da década de setenta com o avanço das políticas neoliberais. Segundo Rosenfield (2011, p. 264), o trabalho precário é o “[...] trabalho socialmente empobrecido, desqualificado, informal, temporário e inseguro.

O trabalho docente não foge à regra, entendemos como um dos trabalhos essenciais quando se trata das relações humanas, possuindo características que condicionam a sua natureza, conforme afirmam Tardif e Lessard (2014, p. 35),

A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação de professores.

Segundo Tardif e Lessard (2014), compreender o trabalho docente se constitui como uma das chaves para entender as transformações atuais da sociedade, do trabalho e da globalização. Nesse sentido, entendemos que a docência é um importante meio para compreender as transformações atuais, ao passo que tais mudanças no espaço social interferem nos setores econômico e tecnológico, influenciando na morfologia do trabalho docente.

Nesse contexto de mudanças no trabalho docente é que podemos refletir sobre as transformações, adaptações necessárias e soluções emergenciais que afetam a categoria, sobretudo no momento histórico atual, em que a educação sofre

um grande impacto em razão do enfrentamento, desde março de 2020, de uma crise sanitária causada pela pandemia da COVID-19, também nomeado pelo SARS-CoV-2 (LUIGI; SENHORAS, 2020).

A pandemia vem mostrando de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências, como afirma Santos (2020). As respostas à crise variam de estado para estado, mas nenhum pode disfarçar a sua incapacidade, isto é, a sua falta de previsibilidade em relação às emergências que antecipadamente são anunciadas como de ocorrência próxima e muito provável.

O momento histórico atual é marcado por uma crise estrutural do sistema capitalista, nela a exploração do trabalho assume níveis ainda mais desumanos, aliado a esse cenário desolador se soma a pandemia de COVID-19, constituindo um período extremamente delicado para a categoria docente, abrangendo cerca de mais de 2,2 milhões de profissionais, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP).

O cenário atual tem revelado as fragilidades dos sistemas de saúde e de educação em várias vertentes, pois não se trata apenas de uma crise sanitária, mas sobretudo de uma crise conjuntural criada pelo modelo de acumulação do capital que envolve aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais.

Nesse contexto, foi redesenhada a atuação do profissional docente por uma série de questões que afetam as formas de trabalho. Assim, a pandemia veio acelerar e viabilizar a utilização de novas tecnologias e da educação a distância (EaD). Com essa realidade, a situação se mostrou necessária e possível, ainda que sem atender a totalidade dos alunos, além de submeter o profissional a uma adaptação forçada às ferramentas.

A princípio, os estabelecimentos de ensino tiveram suas atividades suspensas em todo o país, isso envolveu creches, escolas e universidades, contudo existiu uma preocupação coletiva por parte das autoridades, gestores e professores para que a educação não ficasse parada.

Com o intuito de manter as aulas em andamento, mesmo com escolas e universidades fechadas, o MEC apontou o caminho: “em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios

e tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2020, *on-line*) Essa portaria possibilitou considerar algumas alternativas de ensino-aprendizagem mediadas pelas tecnologias em rede como: Educação a Distância (EaD), Educação *online* (EOL), Ensino Doméstico (*homeschooling*), Atividade Escolar Remota (JUNQUEIRA, 2020), Ensino Híbrido (CANCLINI, 2003) entre outras possibilidades.

5

Não se pode confundir educação a distância (EaD) com atividade remota pela internet em situação de crise grave. EaD é toda uma concepção didática e de estudo e aprendizagem que envolve estrutura, conteúdos, formação e que abrange desde o desenho didático inicial adequado às características da área de conhecimento específica até as avaliações da aprendizagem discente, executada por equipe multidisciplinar treinada. E existem diversos tipos, diversas concepções de EaD. Atividade remota é fazer alguma atividade temporária via internet, em situações precárias e emergenciais, para tentar reduzir danos da aprendizagem a partir de um sistema de ensino originalmente presencial (JUNQUEIRA, 2020, *on-line*).

Com a impossibilidade da aula presencial e a falta de acesso de todos com as novas tecnologias, ficou escancarada a desigualdade social no Brasil. Em momentos diferentes e em realidades distintas, várias são as medidas adotadas. Entre elas surge a educação híbrida, que, segundo Canclini (2003), são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (p. XIX), ou seja, em virtude da globalização e do isolamento social essas mudanças ocorrem e se fazem necessárias, seguindo um padrão de produtivismo, como afirma Saviani (2007).

Diante da realidade posta pela pandemia, foi necessário enfrentar de forma brusca situações emergenciais, entre elas está a hibridização da educação, o que torna possível que ocorra grandes mudanças na forma de trabalho docente, uma vez que o retorno às aulas presenciais deverá ser gradual. Desse modo, o ensino remoto não sairá de cena, havendo ao mesmo tempo encontro presencial e a distância, por conseguinte, a continuação, ainda que de forma limitada, ao uso das tecnologias. Essa nova forma de viver, em virtude do caráter emergencial, apresenta-se nas novas formas de ensinar tanto na educação básica, quanto no ensino superior, que, acostumados à educação presencial, encontram-se forçados a se adaptar.

Educação a Distância: que lugar é esse?

A Educação a Distância surge oficialmente no Brasil em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, embora somente regulamentada em 19 de dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.622. Existem várias definições para a educação à distância, todavia tal modalidade é definida no referido decreto, conforme se pode observar a seguir:

6

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005, online).

A educação a distância não é algo novo, alguns estudiosos apontam marcos históricos no mundo a partir do século XVIII. No Brasil surge no século XX. A princípio, o processo ensino-aprendizagem era mediado com cursos por correspondência, utilizando material impresso, depois passou a ser utilizado o rádio e a televisão. Somente a partir da década de 90, as instituições de ensino superior começam a trabalhar com a modalidade à distância e utilizam as novas tecnologias da informação e comunicação (VASCONCELOS, 2010; GOUVÊA, OLIVEIRA, 2006).

O termo Tecnologia da Informação (TIC) é associado à informática, rede de computadores, internet, multimídia, banco de dados e outros recursos oferecidos pelo computador. Todas as demais tecnologias (telefone, rádio, TV, vídeo, áudio etc.), que antes eram utilizadas separadamente, foram integradas por meio do computador. Se compararmos a TIC com outras tecnologias, podemos perceber que nenhuma outra introduziu tantas mudanças em tão pouco tempo e com tanta profundidade, em todas as áreas da atividade humana.

Toda essa mudança, ancorada na sociedade da informação, tem trazido inovações, possibilidades de interatividade, de abrir espaços de autonomia e de autoria de pensamento, de produção e de partilha de conhecimento. Aliado a isso, a

possibilidade de aproximar os sujeitos, mesmo em meio à distância, viabiliza o acesso à educação em locais de difícil alcance.

No entanto, conforme Santos (2010), muitas propostas de ensino à distância possuem documentos oficiais fundamentados em teorias críticas, interacionistas e, na prática, o discurso da autoaprendizagem camufla a ausência de uma aprendizagem colaborativa. Como pensar em não desfrutar das potencialidades que as tecnologias podem trazer à prática educativa, evidenciando ações centradas na transmissão do conteúdo e, unicamente, na autoaprendizagem?

Conforme Orso *et al.* (2013), a educação não é neutra, reflete e é marcada pelas lutas travadas nas disputas pela sobrevivência em sociedade. Dessa forma, as influências neoliberais na educação têm incidido e desestruturado as ações e os ideais em prol da emancipação dos sujeitos, privilegiando uma visão mercadológica, na qual o lucro e a competitividade estão em pauta. A escola tem importância crucial por se constituir em um espaço de difusão do ideário neoliberal e de formação da mão de obra que atenda ao mercado. Sob a égide de um discurso de democratização do saber, da urgente necessidade de formação docente, a educação à distância passa a ser um investimento, pensada em uma lógica de educação em massa, reduzindo custos. Segundo Saviani (2008, p. 75),

[...] É preciso acabar com a duplicidade pela qual, ao mesmo tempo em que se proclamam aos quatro ventos as virtudes da educação exaltando sua importância decisiva num tipo de sociedade como esta em que vivemos, classificada como “sociedade do conhecimento”, as políticas predominantes se pautam sempre pela busca da redução de custos, cortando investimentos. Faz-se necessário ajustar as decisões políticas ao discurso imperante.

Tal ascensão do conhecimento à condição de mercadoria e os reflexos da difusão do ideário neoliberal no cotidiano escolar, coloca em evidência a preocupação com o educador e as implicações desse momento em sua ação.

Docência na educação a distância

No decorrer do tempo, o professor e sua prática assumiram novas configurações. Ao visitar o século XIX, pode-se perceber, embasados na pedagogia

tradicional, a figura do professor como o detentor do saber. Saviani (1997) afirma que a ignorância causa a marginalidade, a escola então deve instruir e transmitir conhecimentos. Ao bom professor cabia o domínio do conteúdo, tornar-se uma autoridade a ser respeitada, ou seja, um modelo a ser seguido. A inserção das tecnologias da comunicação e da informação modificou e adicionou novos atributos ao bom professor. Se o saber pode ser obtido em outros espaços e, inclusive, sem a presença do educador, qual o papel deste indivíduo neste momento?

Dessa forma, esse profissional, por curiosidade, necessidade, desejo de aprender ou por força do momento foi inserido na educação à distância. Alguém que sempre teve referência no ensino presencial, inicialmente como estudante e posteriormente como educador, depara-se com o novo. Em meio a essas demandas surgem muitos desafios ao professor, todavia, o “olhar” foi direcionado para alguns, propiciando uma reflexão acerca de situações que causam desgastes e precarizam a profissão docente.

O primeiro desafio reside na ausência de formação e memórias da docência e discência *on-line*. De acordo com Santos (2019), vivemos a cibercultura, como autores, atores ou excluídos digitais. O educador possui a ferramenta, mas é excluído por não saber utilizá-la de forma cidadã. Urge investir em formação docente de qualidade, pois o professor não precisa só aprender a utilizar os recursos, ele necessita aprender a se comunicar por meio deles, a interagir, a gerar situações de aprendizagem.

O segundo desafio está presente na autoria e autonomia do professor. Na educação a distância, a docência apresenta-se na figura do professor ou do tutor. Existe uma fragmentação na divisão das atividades, o professor que elabora os materiais, os conteúdos, e o tutor que é responsável em se apropriar do material pronto para mediar a aprendizagem. Nesse caso, não há a participação no planejamento, somente na execução das atividades. Muitas vezes, o tutor, mesmo possuindo formação equivalente, não é valorizado, apenas executa os “pacotes prontos”.

Outro desafio diz respeito ao afastamento geográfico e a evasão dos estudantes. Docentes estão acostumados a se relacionar com os educandos de forma

presencial. Assim, para minimizar o distanciamento físico são necessárias ferramentas que possibilitem a interatividade, que façam com que os estudantes se sintam acolhidos, próximos e autônomos para aprender. Todavia, no processo, por vários fatores, ocorre a evasão dos cursistas, que é atribuída, em sua maioria, à falta de desempenho do tutor na condução de sua ação.

Tal realidade assusta e causa desgastes. Apesar da resistência de boa parte dos docentes quanto às mudanças na sua ação com a inclusão das tecnologias, o momento atual, a pandemia do COVID-19, impôs a inserção de todos às salas virtuais. Tal momento exigiu necessidade de adaptação e superação. Muitos questionamentos são feitos ao direcionamento dado à educação nesse período, porém os reflexos desse tempo histórico, contribuirá sobremaneira para ressignificar a relação professor-tecnologia.

Urge conhecer e aprender a utilizar os meios ofertados pelas tecnologias da informação e comunicação tendo em vista oportunizar momentos para compartilhar e produzir saberes, em busca da emancipação e transformação dos sujeitos e do seu meio. Conforme Santos (2010, p. 5667), “a educação de qualidade independe da modalidade. É possível ter educação de qualidade presencial, a distância, online e em desenhos híbridos”. Com base na busca por essa qualidade, deve-se lutar por melhores condições de trabalho docente.

O ensino remoto em tempos de pandemia

Mediante o cenário da pandemia do Covid 19, no ano de 2020, em que o mundo parou com o isolamento social, diversos desafios foram impostos em função dessa nova realidade, o que afetou todos os setores sociais, em especial a educação que teve que adotar novas medidas para atender à necessidade educacional, pois as aulas presenciais foram suspensas por tempo indeterminado.

Diante disso, foram necessários os educadores buscarem novas estratégias para atender aos estudantes em tempos pandêmicos, assim como se adaptar aos instrumentos digitais que são mais utilizados, de modo a entender os principais desafios organizacionais na construção de propostas educacionais concretas e

disponíveis a todos. Com isso, a forma eletrônica (que faz uso mídias sociais) entre outras tecnologias, fez com que todos os professores que atuam na educação vivenciassem uma sobrecarga e acúmulo de trabalho, além do tempo para o preparo das aulas sem recursos tecnológicos e pedagógicos para as atividades docentes. Foram utilizadas as plataformas digitais de ensino ou ambientes de aprendizagem virtuais para dar conta dessas novas propostas de ensino com o intuito de aguçar a prática docente de modo a auxiliar esses professores frente aos novos desafios impostos para o trabalho remoto na educação.

Em relação ao desenvolvimento das atividades não presenciais, o Ministério da Educação (MEC) informou os sistemas de ensino que nesse

[...] período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares (BRASIL, 2020, p. 9).

Foram criadas estratégias de ensino por cada secretaria de estado e município que escolheu pela continuidade das aulas mediadas por tais recursos tecnológicos como: páginas/portais eletrônicos das secretarias de educação, ambientes virtuais de aprendizagem, aulas *on-line* ao vivo ou gravadas (videoaulas) ou plataformas digitais/*on-line*, como o *Google Meet* e *Google Classroom* com aulas transmitidas via TV aberta, redes sociais, rádio (*WhatsApp*, *Instagram*, *Youtube*, *Facebook*), bem como utilização de aplicativos; disponibilização de materiais digitais e atividades variadas em redes.

Em face disso, a utilização de metodologias ativas é uma das formas de entregar ao aluno a responsabilidade da sua aprendizagem, tornando-o o maior interessado nesse processo (MORÁN, 2015). De acordo com o DataSenado, em pesquisa realizada no final de julho,

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet (CHAGAS, 2021).

Para retratar essa realidade do ensino remoto no Brasil, a página do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED 2021), apresenta procedimentos adotados pelas secretarias de cada estado do Brasil, assim como orientações e atividades sugeridas pelo CNE à Educação Básica, especificando a forma de ensino acordado por cada ente federado conforme o quadro abaixo,

Quadro 1 — Medidas adotadas por cada secretaria por Estado do Brasil

Estado	Medidas para oferecer ensino remoto
Acre	Lançou um guia com sugestão de materiais, atividades e videoaulas que estão disponíveis na plataforma Rede Escola Digital, da própria secretaria.
Alagoas	Criou a portaria nº 4.904/2020, publicada no Diário Oficial do Estado de Alagoas (DOE) de 7 de abril de 2020), que orienta como as atividades devem ser realizadas pelas unidades de ensino.
Amapá	Disponibilizou plataformas para atividades não presenciais, como a Escola Digital Amapá, a Escolas Conectadas e o AVAMEC.
Amazonas	Transmissão de conteúdo escolar diário pela TV aberta, por meio do programa “Aula em Casa”, e disponibilização de conteúdo pelas plataformas AVA, Saber+ e pelo aplicativo Mano
Bahia	A secretaria disponibilizou roteiros de estudos, por área do conhecimento, no portal educacao.ba.gov.br. Também ampliou a Plataforma Anísio Teixeira com o Canal de conteúdos de 12 Instituições Públicas de Ensino Superior (IES).
Ceará	As escolas foram orientadas a desenvolver um Plano de Atividades Domiciliares, utilizando o livro didático da rede como base. Para interagir com os alunos, professores estão utilizando as plataformas Aluno Online, Professor Online (desenvolvidas pela própria Secretaria) e <i>Google Classroom</i> . A avaliação dos conteúdos deve ser realizada no retorno às aulas presenciais.
Distrito Federal	Disponibilizou teleaulas e vídeos educativos para todas as etapas e modalidades, além de conteúdo para a formação de professores, pelas TVs Justiça e Gênese (manhã) e União (tarde), de segunda a sexta-feira. Especialmente às terças e quintas-feiras, a programação é voltada para o Enem. Todos os vídeos estão disponíveis no canal do YouTube da SEEDF.
Goiás	Foi lançado o portal de conteúdo NetEscola, com aulas e listas de atividades para todas as séries do Ensino fundamental e Ensino Médio, esse portal é atualizado diariamente pelos produtores de material das áreas. A secretaria iniciou também a transmissão de aulas ao vivo tanto para o ensino médio, quanto para os alunos do fundamental I e II na TV aberta e em Rádio AM e FM
Espirito Santo	Criou o Programa Escolar de atividades pedagógicas para os alunos da rede estadual. Desta forma, os estudantes podem acessar conteúdos por meio da plataforma internet. (Conforme Portaria nº 048-R – SEE/ES, de 01 de abril de 2020)
Maranhão	Está transmitindo aulas pela TV e pelo rádio e orientou as escolas a criarem turmas virtuais no <i>Google Classroom</i> . Além disso, as escolas podem fazer uso de outras ferramentas, como <i>WhatsApp</i> e <i>Hangouts</i> , assim como definir e organizar a melhor forma de distribuir o material didático para a realização das atividades não presenciais
Mato Grosso	A secretaria está disponibilizando videoaulas e outros conteúdos para os alunos por meio de sua plataforma na internet
Mato Grosso do Sul	Trabalha com a plataforma Protagonismo Digital para execução de aulas remotas durante período de suspensão de aulas
Minas Gerais	Contam com atividades pedagógicas por meio do Regime de Estudo não Presencial que foi desenvolvido pela secretaria. A principal ação é o Plano de Estudo Tutorado (PET), que

Estado	Medidas para oferecer ensino remoto
	são apostilas com conteúdo das disciplinas concentrados em volumes e por etapa de ensino. Todas as ações estão detalhadas no site: estudeemcasa.educacao.mg.gov.br .
Pará	Oferece videoaulas para alunos dos Anos Finais do Fundamental e do Ensino Médio. Também podem ser acessadas pelo aplicativo e por redes sociais.
Paraíba	A secretaria lançou a plataforma Paraíba Educa (http://paraiba.pb.gov.br/paraibaeduca) e está fechando parceria para exibição de tele aulas pela TV Assembleia.
Paraná	Implementou um pacote de ações que compõem o EAD Aula Paraná baseado em três frentes de atuação: 1. Transmissão das aulas em multicanal TV aberta e <i>Youtube</i> ; 2. Aplicativo Aula Paraná, disponível para celulares Android e iOS; 3. Aplicativo <i>Google Classroom</i> , também disponível para todos os sistemas.
Pernambuco	Criou a plataforma Educa-PE, uma iniciativa pedagógica para transmissão ao vivo de aulas durante o período de isolamento. O conteúdo é transmitido de segunda a sexta-feira pelo YouTube (Educa-PE) e nas emissoras TV Pernambuco, TV Universitária, TV Nova Nordeste e TV Alepe, das 13h às 17h, para o Ensino Médio. Para os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, as aulas são disponibilizadas diariamente pela manhã no serviço de <i>streaming</i> .
Piauí	A secretaria transmite aulas para Ensino Médio e EJA por meio do Canal Educação e TV Antares, e do <i>Youtube</i> . Além disso, as escolas estão produzindo material para os alunos sem acesso à internet.
Rio de Janeiro	Está promovendo aulas <i>online</i> por meio da plataforma <i>Google Classroom</i> , além de oferecer teleaulas por meio da TV Band, TV Alerj e Canal Net.
Rio Grande do Norte	Está disponível para toda a rede a Escola Digital, ambiente virtual de aprendizagem da Secretaria, onde o professor pode postar conteúdo para os alunos e realizar <i>web</i> conferências.
Rio Grande do Sul	Os pais de alunos sem acesso à internet retiraram as aulas programadas nas escolas antes da suspensão das aulas.
Rondônia	Os professores elaboraram cronogramas contendo os temas das aulas e <i>links</i> de acesso, em que o aluno é direcionado para assistir as videoaulas no canal da Mediação Tecnológica no <i>YouTube</i> .
Roraima	Organizou o Plano de Implementação para Atividades Não Presenciais. Foi elaborado um plano para a rede pública de ensino em geral, outro específico para a Educação Especial e outro para Formação de professores. Todos os documentos estão disponíveis para consulta no Blog da Seed, no endereço eletrônico www.seedrrblog.wixsite.com/seed
Santa Catarina	Estabeleceu um sistema de trabalho para as atividades não presenciais com diferentes canais de comunicação, ferramentas pedagógicas e procedimentos para alcançar, com a maior abrangência possível, o universo dos 540 mil alunos de escolas estaduais. Para alunos com acesso à internet, foi implementada a plataforma <i>Google Sala de Aula</i> para o envio de atividades e interações entre a turma e o professor.
São Paulo	Lançou o Centro de Mídias da Educação de SP (CMSP). A plataforma permite que os estudantes da rede estadual tenham acesso a aulas ao vivo, videoaulas e outros conteúdos pedagógicos mesmo durante o período da quarentena
Sergipe	Fez parceria com a Secretaria de Educação de Amazonas e está disponibilizando videoaulas na TV Pública do Estado com 4h40min diárias para ensino médio e fundamental II. Também lançou o portal Estude em Casa, com conteúdo para alunos e professores. Para o Enem, foi feita uma força tarefa com a equipe do Preuni Seduc.
Tocantins	A rede estadual está em período de férias escolares.

Fonte: Elaborado pelas autoras conforme dados do CONSED (2020).

Conforme Quadro 1, observa-se que todos os entes federados, com exceção do Tocantins, adotaram o ensino remoto, com instrumentos de trabalho por cada estado para atender à demanda imposta pela a crise epidêmica que o mundo tem

passado. As pesquisas revelam que o ensino remoto é excludente e piora a qualidade da educação pública provocando ainda mais a desigualdade educacional, pois não garante o conhecimento e a aprendizagem com a qualidade e o direito à igualdade de acesso à educação para todos os estudantes. Por isso, os sistemas educacionais apresentam um grande desafio no pós-pandemia: o de consertar os prejuízos ocasionados por esse formato escolar da atual conjuntura.

13

Portanto, com essa forma de ensino, fica exposta uma situação grave, a qual evidencia os atrasos apresentados e fortes problemas que a educação terá que responder, pois o educador e sociedade civil devem resistir juntamente contra os ataques contra a educação classe passa, a luta deve ser de resistência e não conformar com esse sistema de ensino obrigatório e não igualitário. Diante disso, deve-se exigir uma demanda de investimentos de forma considerável na Educação com preparação e uma organização minuciosa do trabalho pedagógico.

Ensino Híbrido: a nova tendência em educação?

O novo contexto educacional tem trazido alguns questionamentos quanto à prática educativa no Brasil e no mundo. A crise sanitária impôs aos professores e alunos a necessidade de se reinventarem e adaptarem a uma nova forma de ensinar e aprender. A suspensão das atividades na modalidade presencial levou a se repensar as práticas educativas e o fazer docente. Nesse cenário, o ensino híbrido surge como um novo formato de educação capaz de acompanhar as demandas do mundo contemporâneo no qual a inserção de novas tecnologias passou a ser uma tendência inovadora e, ao mesmo tempo, desafiadora. Esse processo de resignificação da educação faz parte do contexto de mudanças na história da humanidade no qual o homem está inserido e faz parte. Conforme destaca Freire (1979, p. 8), é “através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas”.

[...] não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem – realidade. Esta relação homem – realidade, homem – mundo, ao contrário do contato animal com o mundo,

como já afirmamos, implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas (FREIRE, 1979, p. 8).

Essa abertura a uma nova realidade se faz necessária em um período de transformações tão rápidas em que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm estado cada vez mais presentes no ambiente educativo. O modelo tradicional de educação não será capaz de acompanhar tais mudanças, nem poderá atender às diferentes necessidades dos alunos na contemporaneidade em que as informações circulam de forma tão rápida com apenas um clique. Nessa análise, Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 67) afirmam que

Os estudantes de hoje não aprendem da mesma forma que os do século anterior. Crianças e jovens estão cada vez mais conectados às tecnologias digitais, configurando-se como uma geração que estabelece novas relações com o conhecimento e que, portanto, requer que transformações aconteçam nas escolas.

Nesse contexto em que as novas formas de aprendizagem tomam espaço, o educando tem a oportunidade de ocupar um papel mais participativo na construção do conhecimento. O ensino híbrido, também conhecido pelo termo *blended learning* é uma das diferentes maneiras de combinar as atividades educacionais presenciais e a distância, em que as TICs acabam agregando ao formato tradicional da sala de aula e colaborando no processo de ensino-aprendizagem. Para Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 74), “a expressão ensino híbrido está enraizada em uma ideia de educação híbrida, em que não existe uma forma única de aprender e na qual a aprendizagem é um processo contínuo, que ocorre de diferentes formas, em diferentes espaços”. De acordo Moran (2015, p. 41),

[...] híbrido significa misturado, mesclado, *blended*. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo (p. 41).

Essa conectividade nunca ficou tão evidente como nos dias atuais, em razão da pandemia do Covid-19. Mais do que nunca, as instituições de ensino tiveram que refletir sobre o ato de educar, redefinindo suas práticas educativas e aplicando novas formas de ensinar para continuarem proporcionando o ensino e aprendizagem. Nesse contexto, gestores, professores e alunos tiveram que reaprender a aprender.

No Brasil, a normatização da semipresencialidade com a Portaria nº 4.059/2004, abriu as portas para o *blended learning* (ou ensino híbrido). Mesmo antes de uma normatização, a combinação do ensino *on-line* nas escolas já era uma realidade, ainda que pouco difundida. A integração dessas tecnologias digitais ao currículo escolar surge como forma de proporcionar uma maior interação do aluno com o professor. O objetivo deste método de ensino é justamente promover uma aprendizagem de forma participativa, colaborativa e integrada mediante o compartilhamento de experiências entre os sujeitos, alinhando tempo e espaço e ultrapassando as limitações geográficas. Nesse sentido, a integração das tecnologias digitais é uma forma de aprender em um novo ambiente em que se contempla o presencial e o digital. Segundo Christensen, Horn e Staker (2013, p. 38),

[...] existem alguns modelos possíveis de ensino híbrido[...] para o uso integrado das tecnologias digitais na cultura escolar contemporânea, enfatizando que não é necessário abandonar o que se conhece até o momento para promover a inserção de novas tecnologias em sala de aula, podendo aproveitar o melhor das duas modalidades (presencial e a distância).

Dessa forma, as tecnologias digitais podem ser inseridas de forma integrada ao currículo em um ambiente de aprendizado em que pode se aproveitar “o melhor dos dois mundos” (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 75).

Ainda existe uma certa resistência quanto ao emprego dessas ferramentas tecnológicas como recurso para as práticas pedagógicas, as quais se encontram arraigadas no método tradicional de ensino. O modo de ensinar ainda se centra na figura do professor como o possuidor e transmissor do conhecimento. As tecnologias surgem, portanto, como forma de modificar essa maneira de construir o saber. Nesse

aspecto, escreveu Moran (2015, p.42) que “o ensino é híbrido porque todos somos aprendizes e mestres, consumidores e produtores de informação e de conhecimento”.

Com a facilidade de acesso às informações, novas formas de aprendizagem surgem com conhecimentos sendo construídos coletivamente e compartilhado com todos. Trata-se de quebrar certos paradigmas e desenvolver uma nova mentalidade como destaca Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) *apud* Lankshear (2007),

16

As práticas sociais contemporâneas formais e informais do nosso dia a dia têm uma natureza mais participativa, colaborativa e distribuída. [...] essas práticas sociais devem ser entendidas como um novo ethos ou uma nova mentalidade dos nossos alunos, que deve se diferenciar dos “tradicionalismos” da década de 1970, nos quais o mundo era centrado, hierárquico e se baseava na reprodução do modelo industrial da época, a pessoa era entendida como uma unidade de produção, as especialidades e autoridades estavam localizadas nos indivíduos e nas instituições, e as relações sociais eram estáveis (p. 68, grifos do autor).

A realidade revela a necessidade de uma educação transformadora e revolucionária que seja capaz de acompanhar as evoluções e as transformações da sociedade e o papel do professor. O desenvolvimento da escrita, do papel e dos livros permitiu cada vez mais o acesso à informação. Já a inserção das tecnologias digitais surge como parte deste processo no qual o professor está inserido e é parte.

Apesar do ensino híbrido ser uma tendência inovadora, existem algumas questões a serem consideradas como a falta de infraestrutura, a fragmentação das políticas educacionais (divididas entre União, Estados e Municípios) e a dificuldade dos professores, a maioria formados por uma visão tradicional de educação, de se adaptarem a este novo modelo. A carência de investimento em capacitação e na formação inicial e continuada destes profissionais também precisa ser revista. As mudanças têm ocorrido de forma muito rápida e sem muito tempo para que estes profissionais estejam preparados para tais transformações, como explica Lima e Moura (2015, p. 128)

Na formação continuada do professor nas escolas brasileiras, tanto públicas quanto particulares, pouco foi desenvolvido em relação às novas habilidades, sobretudo aquelas necessárias para o uso intencional de tecnologias digitais, o que reflete diretamente na continuidade de práticas pedagógicas

ultrapassadas, muitas das quais, por sua vez, são reflexo de uma graduação incompatível com o cenário atual das salas de aula.

A personalização do ensino por meio das novas tecnologias requer, portanto, um olhar mais amplo no sentido de promover uma formação adequada aos profissionais da educação de maneira que possam acompanhar o surgimento dessas novas metodologias de ensino. Isso significa que as instituições necessitam de suporte pedagógico para que possam transformar o papel do professor em sala de aula e, conseqüentemente, dos alunos. O termo *blend* ou misturado revela que todos fazem parte deste processo de construção do saber, sejam gestores, professores ou alunos. Trata-se de um ambiente onde se estabelece uma relação de parceria e apoio mútuo, no qual o professor continua ocupando um papel importante no processo de ensino-aprendizagem.

O mundo muda e com ele o homem. Freire (1999, p. 39) define que “o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”. A escola de hoje requer um docente aberto para essas mudanças, inovador, capaz de promover discussões e estimular o protagonismo. Uma educação em que o professor tenha um novo olhar de como se ensina e como se aprende e tenha a tecnologia como sua aliada, capaz de facilitar o aprendizado. Para Silva e Camargo (2015, p. 262)

a aceleração do desenvolvimento tecnológico tem acentuado de maneira enfática o aspecto essencialmente mutante da cultura contemporânea, o que implica dizer que o modelo de ensino vigente não corresponde mais à realidade e às necessidades do contexto sociocultural da história recente.

É fato que a educação vive um processo de grandes transformações, tendo em vista as mudanças que vem impactando o fazer docente e a pandemia só veio acelerar e acentuar este processo. No entanto, uma educação emancipadora e transformadora, requer investimento em qualificação docente (de modo que o professor seja capaz de dominar a utilização dessas novas tecnologias), assim como condições dignas de trabalho, já que a aprendizagem dos estudantes está diretamente

relacionada às condições de trabalho destes profissionais. Aliado a isso, espera-se que este momento leve o professor a lembrar-se da resistência, diante da desvalorização profissional, seja por parte da sociedade, seja do governo, é ele no final que luta pela educação pública e de qualidade. (BEZERRA; VELOZO; RIBEIRO, 2021).

Considerações finais

Tomando como base o conceito de trabalho apresentado neste artigo, ficam evidentes os desafios que professores vivenciam no ambiente de trabalho diante do cenário de crises estruturais do capital acentuado com a crise sanitária do Covid-19.

A era digital conclama à inserção de novas tecnologias, contribuindo significativamente para o processo ensino-aprendizagem. Contudo, isso demanda mais preparo, dedicação e tempo. Dessa forma, a ausência de um planejamento sério e comprometido com uma inclusão que pense em estratégias para preparar o educador para atuar nesse tempo, contribui para a precarização do trabalho docente. As novas demandas e diferentes metodologias de ensino acabaram sobrecarregando o professor, exposto a maiores exigências e desafios que requerem abertura às descobertas e às novas formas de aprendizagem sem um mínimo de capacitação.

Aliadas à pandemia surgiram várias polêmicas que abalaram o ensino presencial, assim substituído pelo ensino remoto e EaD, fazendo com que este “novo” modelo atingisse diferentes fatores envolvendo professores e estudantes, praticamente obrigados a ajustar, à sua ação, várias tecnologias e ferramentas de informação.

A sociedade ainda presencia o medo do vírus, em função da cura pela vacina ainda depender de questões econômicas e políticas. Por isso, a necessidade de se restringir ao contato físico fez surgir muitas preocupações tanto no que diz respeito ao acesso à internet quanto a equipamentos como computadores, *smartphones* e *tablets*, que ao mesmo tempo que incluem, também excluem aqueles que não têm acesso às TIC. Isso dificulta a qualidade da educação para todos e, conseqüentemente, estimula

a precarização do trabalho docente, de modo que o professor não consegue atingir a determinada camada da sociedade.

Esse processo de ressignificação do fazer docente implica em se discutir a forma como essas ferramentas tecnológicas são inseridas nas salas de aula, além da atenção no que se refere à formação e à capacitação destes profissionais no sentido de os preparar para esses novos desafios, garantindo, dessa maneira, condições dignas de trabalho e uma educação de qualidade.

Dessa forma, a eficácia na aplicabilidade dessa cultura digital, perpassa pela formação destes profissionais, que na maioria das vezes, não são capazes de acompanhar essas mudanças tão rápidas, por não estarem plenamente capacitados para interagir com seus alunos já tão inseridos neste ambiente tecnológico. Educação à distância, ensino remoto e aprendizagem híbrida são modelos de ensino que podem vir a contribuir no ensino eficaz em um era digital, entretanto, o professor, como sujeito partícipe neste processo, precisa ser valorizado.

Referências

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre. Penso. 2015.

BEZERRA, Narjara Peixoto Xavier; VELOZO, Antonia Pereira; RIBEIRO, Emerson. Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, e323917, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2>. Acesso em: 11 jan. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm. Acesso em: 11 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP Nº: 5/2020. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1450

[11-pcp005-20&category_slug=marco--2020-pdf&Itemid=30192](#). Acesso em: 11 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/port4059-2004.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2003.

20

CHAGAS, Elisa. **DataSenado: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia**. Página virtual Agência Senado, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. Tradução da Fundação Lemann e Instituto Península. Clayton Christensen Institute for Disruptive Innovation, 2013.

CONSED. **Ensino remoto**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://consed.info/ensinoremoto/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12 ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

GOUVÊA, G.; C. I. OLIVEIRA. **Educação a distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2006.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro. Porto Alegre: Penso, 2015.

JUNQUEIRA, EDUARDO. **Não se pode confundir educação**. Rio De Janeiro, 2020. Facebook: e junqueira. Disponível em: <https://www.facebook.com/ejunqueira/posts/10223345672096526>. 20 jan. 2021.

LANKSHEAR, C. The stuff of new literacies. In: **Mary lou fulton symposium**. Arizona State University, 2007.

LIMA, Leandro Holanda Fernandes de; MOURA, Flávio Ribeiro de. O Professor no ensino híbrido. In.: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Org.).

Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

LUIGI, R.; SENHORAS E. M. O novo Coronavírus e a importância das organizações internacionais. **Nexo Jornal**, 2020. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-novo-coronav%C3%ADrus-e-a-import%C3%A2ncia-das-organiza%C3%A7%C3%B5es-internacionais>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MORAN, J. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

ORSO *et. al.* **Educação e lutas de classes.** Expressão Popular, 2013.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira. Devir-tatuagem: neoconservadorismo, polêmica e conversa complicada na formação de professores. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4571>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PIOVEZAN, Patrícia Regina. **As políticas educacionais e a precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

ROSENFELD, C. L. Trabalho decente e precarização. **Tempo Social**, São Paulo, São Paulo, V. 23, n.01, p.247-268, jun. 2011. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12660>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**, Coimbra: Almedina: 2020.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In. SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (orgs). **Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas.** Rio de Janeiro: Ed., 2010.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura.** Teresina: EDUFPI, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação - curvatura da vara - onze teses sobre educação e política. 31 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Formação e condições de trabalho docente. In.: **Educação e cidadania**. Campinas: Alínea, 2007.

SILVA, Rodrigo Abrantes da; CAMARGO, Ailton Luiz. A cultura escolar na era digital. O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Org.). **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

TARDIF, M.; LESSARD, C. O. **Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VASCONCELOS, Sérgio Paulo Gomes de. **Educação a Distância**: histórico e perspectivas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). v. 8, n. 01, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/19.htm>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ⁱ **Adriana da Silva Souza**, <https://orcid.org/0000-0003-1257-4282>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Mestranda em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduada em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. Assistente Social da Secretária de Administração Penitenciária do Estado da Bahia – SEAP-BA. Membro do Grupo de Estudos Pesquisa e Políticas Públicas para Educação Superior.

Contribuição de autoria: Escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5598179827681817>

E-mail: asilvasouza791@gmail.com

ⁱⁱ **Claudia Cristiane Andrade Barros**, <https://orcid.org/0000-0001-8486-7629>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada em Ciências Exatas com Habilitação em Matemática pela UESB. Professora da Rede Estadual de Ensino no município de Vitória da Conquista – BA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/CNPq).

Contribuição de autoria: Escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5653876305528812>.

E-mail: claudiacrisbarros@yahoo.com.br

iii **Franciny D'Esquivel Dutra**, <https://orcid.org/0000-0002-9093-7803>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pós-Graduada em MBA em Gestão Pública pela UCAMPROMINAS. Pós-Graduada em Gestão Universitária pela UESB Graduada em Direito pela Universidade José do Rosário Vellano — UNIFENAS. Analista Universitário da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB.
Contribuição de autoria: Escrita do texto.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2467364401712067>. E-mail: fandutra@gmail.com.

iv **Risia Silva Chaves Gusmão**, <https://orcid.org/0000-0003-2085-4241>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Psicopedagoga Clínica e Institucional pela FUNORTE — MG. Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB. Graduada em Pedagogia pela UESB. Analista Universitário da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Contribuição de autoria: Escrita do texto.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8466524670456533>
E-mail: risiachaves@uesb.edu.br

v **Berta Leni Costa Cardoso**, <https://orcid.org/0000-0001-7697-0423>

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Pós-doutora em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada e bacharela em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Professora Titular lotada no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/ Campus XII. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/ Campus de Vitória da Conquista — BA. Membro do grupo de Estudos e Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/CNPq). Líder da LEPEAF (Linha de Estudo e Pesquisa em Atividade Física).
Contribuição de autoria: Escrita do texto.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3678984365375736>.
E-mail: bertacostacardoso@yahoo.com.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SOUZA, Adriana da Silva; et al. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021.